

ENTREVISTA

Rui Furtado

“A situação do Museu dos Coches é uma vergonha”

Rui Furtado é um engenheiro civil portuense com uma carreira profissional ligada a alguns dos mais importantes arquitectos portugueses e mundiais, de Siza a Souto de Moura, de Rem Koolhaas a Paulo Mendes da Rocha. O trabalho do engenheiro “é fazer brilhar a obra do arquitecto”, diz, sem se preocupar com o anonimato normalmente reservado à sua profissão. *Por Sérgio C. Andrade (texto) e Paulo Pimenta (foto)*

O Brasil vai construir uma nova estação científica na Antárctida, depois do incêndio que em Fevereiro de 2012 destruiu a que existia na ilha do Rei George. E o projecto de execução foi realizado pela empresa portuguesa Afaconsult, do engenheiro Rui Furtado (n. Porto, 1959).

A cerimónia de entrega do projecto da nova Estação Comandante Ferraz – nome que homenageia um oceanógrafo e comandante da Marinha brasileira – realizou-se na quinta-feira, no Rio de Janeiro. Antes de partir para o Brasil, Rui Furtado falou ao PÚBLICO do projecto, mas também, e principalmente, da sua experiência profissional com alguns dos nomes maiores da arquitectura portuguesa, brasileira e mundial. De Eduardo Souto de Moura (a sua parceria mais antiga, que vem do edifício Burgo, de 1991, até ao Estádio de Braga e à Casa das Histórias Paula Rego) a Álvaro Siza (Pavilhão de Portugal em Hanôver, sede do Banco de Cabo Verde), de Rem Koolhaas (Casa da Música) a Frank Gehry (projecto, não concretizado, para o Parque Mayer) e a Paulo Mendes da Rocha. Com o Pritzker (2006)



brasileiro, Rui Furtado fez o Museu dos Coches em Lisboa, e trabalha presentemente em dois projectos no Brasil: o Museu de Arte Contemporânea de São Paulo e o Instituto Tecnológico da Vale, em Belém, capital do Pará.

A estação científica no Pólo Sul teve como projectista o *atelier* Studio 41, de Curitiba. Está orçada em 120 milhões de reais (cerca de 40 milhões de euros), e a inauguração está anunciada para o Verão de 2015.

A Estação Comandante Ferraz é, para a sua empresa, uma dupla lança: no Brasil e no Pólo Sul...

Sim. Foi uma situação muito engraçada. Nós concorremos com uma equipa do arquitecto Álvaro Puntoni, de São Paulo. E perdemos. Mas fizemos um projecto muito consistente. Entretanto, a equipa que venceu o concurso, a Studio 41, de Curitiba, praticamente não tinha as engenharias. Curiosamente, a solução deles era muito parecida, do ponto de vista construtivo, com a que nós tínhamos desenvolvido. Perante isso, eles perguntaram à equipa do Álvaro Puntoni se não se importavam que nos contactassem. Fizemos-no e chegámos a acordo.

Qual é o principal desafio de construir uma estação no território polar?

Neste momento, estamos a →

ENTREVISTA

fazer dois projectos ao mesmo tempo, e que são semelhantes do ponto de vista do conceito. Um é no Equador, em Belém do Pará, com o Paulo [Mendes da Rocha]; o outro, no Pólo Sul. Dois lugares opostos. O primeiro é o Instituto Tecnológico da Vale, uma das maiores empresas de mineração do mundo, e que é fundamentalmente um edifício em cima de um pântano no Amazonas. Na Antárctida, estamos a fazer um edifício semelhante, com laboratórios de pesquisa. Mas, evidentemente, são duas realidades completamente distintas. Na Antárctida, a primeira questão que se levanta é a das condições climáticas, que são extremas, e um terreno completamente inóspito. Não há centrais de energia, é preciso produzir tudo. Do ponto de vista ambiental, é de uma exigência muito grande, porque os efluentes têm de ser completamente tratados. Trata-se do sítio menos poluído do planeta, e o objectivo é mantê-lo assim.

Há outras estações do género na região?

Há várias. É uma coisa curiosa... Antes disto, eu nunca tinha, sequer, olhado para a Antárctida. É um território de gestão internacional. Os primeiros a chegar lá foram os noruegueses, e depois os americanos, que fizeram uma estação mesmo no Pólo Sul, a Amundsen-Scott. Mas agora vários países têm estações na Antárctida de cariz científico: a República Checa, a Polónia, a Bélgica, a França, a Itália, a Espanha até tem duas!...

Há um pacto entre todos os países do mundo de não mexer na Antárctida durante 50 anos. Um dia, esse pacto irá acabar, e pode-se imaginar o que irá então acontecer. Por causa da riqueza do petróleo...

Está a fazer com Paulo Mendes da Rocha as duas obras que referiu no Brasil. Antes, fez com ele o Museu dos Coches em Lisboa. É uma relação especial? Tenho, fundamentalmente, uma grande admiração por ele. O Paulo é um homem do Renascimento na actualidade: um pensador, um filósofo, um sociólogo.

Como é que foi escolhido para o Museu dos Coches?

O Paulo veio visitar o Estádio de Braga em 2003, estava ele já bastante adiantado. Estava o

Eduardo [Souto de Moura] e eu para o receber, demos uma volta pelo estádio, e ele, naturalmente, criou uma grande empatia com a obra. Porque o estádio é a obra mais brasileira do Eduardo, tem um cariz que se encaixaria perfeitamente na Escola Paulista. É uma obra muito dura, muito minimalista, sem adorno. É uma obra que exhibe o êxito da técnica. São exactamente estas as palavras que o Paulo usa, e que a Escola Paulista usava.

O Paulo adorou o estádio, e ficámos amigos. Entretanto ele tinha já também uma relação de empatia com o Ricardo Gordon, em Lisboa. E quando foi convidado para fazer os Coches, lembrou-se de nós os dois, enviou um *email* a cada um a perguntar se estávamos interessados em trabalhar com ele. Obviamente dissemos logo que sim.

Como vê a situação actual do Museu dos Coches?

A situação é uma vergonha, que leva a que o povo desacredite da política. Eu posso compreender que, a determinada altura, um Governo questione uma opção que foi feita antes. Mas estão 31 milhões de euros investidos no edifício, que está pronto – e a que falta um milhão e meio de euros, que estão cativados no Turismo, para acabar o projecto. E não se abre.

O secretário de Estado da Cultura justificou a situação dizendo que o funcionamento custaria 3 milhões de euros/ano, que são precisos para outros fins...

A questão é muito simples. A encomenda foi de um museu para um milhão de visitantes. Evidentemente, o museu tem uma perspectiva de exploração para esse milhão de visitantes. E isso, naturalmente, vai gerar receitas equivalentes. Não se compreende que ele continue fechado, situação que vai já custar muito dinheiro. E não está a render rigorosamente nada. Vai acontecer como com o Pavilhão de Portugal, que é outra das vergonhas nacionais. Este é um tema que urge repensar. O Eduardo respondia, outro dia, de forma muito directa a uma pergunta sobre os Coches: “É muito simples, o Museu dos Coches é uma obra de regime e, como tal, não pode ser inaugurado por outro regime”... Isto acaba por conduzir ao

descrédito da política.

Disse numa entrevista a uma revista brasileira (*ProjetoDesign*), que a construção do Museu dos Coches “foi um choque completo para a arquitectura portuguesa”. Porquê?

Foi. Exactamente por isto. O edifício tem uma dureza, e sobretudo uma escala, que o brasileiro tem e o europeu não tem. Nós, em Lisboa, olhamos para o Museu dos Coches e dizemos assim: “Isto é completamente diferente do que se costuma fazer”. O projecto do Paulo é de uma síntese incrível. Se o problema é fazer, em sete mil m², um museu para meter os coches, então vamos levantá-lo – porque sete mil m² no chão é um monstro – e dar uma praça à cidade. E há uma coisa que é muito bonita no projecto, que é a relação da nova construção com as casas da Rua da Junqueira. Ele consegue fazer essa relação de uma forma diferente daquela que alguém faria cá. Nesse aspecto, digo que é um choque, porque qualquer arquitecto português, ou europeu, faria com uma escala muito menor do que aquela que ele quis pôr ali frente ao Tejo. **Definiu já Paulo Mendes da Rocha como o arquitecto da sensibilidade, Koolhaas, o das grandes ideias, Souto de Moura, o do rigor... Como é trabalhar, como engenheiro, com cada um deles, e com universos estéticos tão diferentes?**

O trabalho do engenheiro pode fazer brilhar uma obra, ou destruir o seu sentido, muito objectivamente. No meu trabalho, as obras, sendo obviamente dos arquitectos, são também minhas. Para as fazer brilhar, tenho que as sentir como minhas. E, acima de tudo, tenho de conseguir convergir com a ideia que começa a surgir na cabeça do arquitecto com quem estamos a trabalhar. Esse é o grande desafio. Quando falo com o Eduardo, não preciso mais do que dois minutos para perceber.

Trabalha com Souto de Moura desde quando?

O primeiro projecto que fiz com ele foi o Burgo [edifício de escritórios na Avenida da Boavista, no Porto]. Posso dizer que toda a minha formação de projecto de arquitectura foi feita



com o Eduardo: fiz a graduação, o mestrado e o doutoramento [risos]. Ele é a pessoa que teve mais influência em mim. Com ele, é tudo muito fácil. Com outros, é um desafio: é estudar e tentar perceber qual é a linha que eles podem querer, para eu poder contribuir.

Em 2004, o Estádio de Braga foi Prémio Secil de Arquitectura, e toda a gente falou da obra de Souto de Moura; no ano seguinte, venceu o Secil de Engenharia, e pouco se falou de Rui Furtado. O trabalho do engenheiro parece estar condenado ao anonimato.

Isso é verdade. Mas não tenho problema nenhum com isso. O nosso objectivo é, fundamentalmente, que as obras brilhem. Se isso acontecer nas mãos dos arquitectos, para nós, engenheiros, tudo bem. Os projectos são sempre um processo de convergência: há uma ideia, que dá o mote para discussões que levarão a outras ideias, que farão a obra final. Essa discussão, esse desafio, é o que me interessa mais. O Estádio de Braga é, sem dúvida, a obra da minha vida, e não é por acaso que também foi aí que esse

processo foi mais rico.

E a Casa da Música? A certa altura do processo, dizia-se que o projecto de Rem Koolhaas continha desafios de engenharia muito complicados...

A Casa da Música não teve nada da complexidade do Estádio de Braga. Era um problema completamente diferente. O problema estrutural e de construção estava resolvido desde o primeiro dia. A questão foi pura e simplesmente de negociação, de dinheiros. Não houve nenhum problema de engenharia.

E a relação com Rem Koolhaas?

Foi divertida. O Koolhaas é uma figura extraordinária, um homem incrivelmente inteligente. Mas, naturalmente, muito holandês, muito directo. Tem as duas facetas: uma horrivelmente desagradável, quando quer ser desagradável; e encantador, quando o é. Mas o seu processo de trabalho é totalmente diferente dos outros. Um Siza, o Eduardo, o Paulo são pessoas que trabalham em cima dos projectos, eles saem-lhe das mãos. O Koolhaas não; há uma máquina, extraordinariamente eficiente, a quem ele dá as direcções. O



A estação científica no Pólo Sul teve como projectista o atelier Studio 41, de Curitiba e deverá ser inaugurada no Verão de 2015

Arquitectura portuguesa na Bienal de São Paulo

Gorada a possibilidade de construção do pavilhão temporário projectado por Álvaro Siza e Eduardo Souto de Moura para o Parque Ibirapuera, por falta de financiamento, a arquitectura portuguesa vai mesmo assim estar presente na Bienal de Arquitectura de São Paulo. A responsável pela participação portuguesa é a associação Estratégia Urbana, dirigida por Nuno Sampaio, que, com curadoria de Miguel Judas, Luís T. Pereira e Fernando Serapião, organizou o programa *Arquitectura Portuguesa: Descrição é a nova visibilidade*. Inclui uma mostra de filmes sobre uma centena de projectos, e uma conferência e seminário que colocará frente-a-frente nomes da arquitectura (Nuno Sampaio, Carrilho da Graça,

Carlos Prata, Graça Correia, entre outros) e também da engenharia (Rui Furtado e Raul Bessa), portuguesas e brasileiras.

O pontapé de saída para esta operação de charme de Portugal nesta que agora surge como a terra de todas as possibilidades — e “um dos países emergentes mais importantes no mundo”, nota Nuno Sampaio — foi dado com uma primeira conferência de Souto de Moura no dia 29 de Junho, que serviu para a apresentação do pavilhão Estratégia Urbana — cujo projecto será oferecido à Bienal. E foi retomado, ontem, com a abertura da instalação audiovisual sobre urbanismo de Álvaro Domingues, *A Rua da Estrada*. A mostra de arquitectura e o seminário terão lugar nos dias 28, 29 e 30 de Outubro, no Museu da Casa Brasileira.

possibilidade de entrar nesse mercado?

Trabalhar no Brasil tem muito mais problemas do que estes, e alguns que são bem complicados, como o dos impostos de importação. Eles aí são novamente protecionistas, brutais. Por outro lado, nós temos tendência a achar que eles são como nós. Mas isso foi no século XIX. O Brasil actual não tem nada a ver com os portugueses de há 200 anos. É um país completamente cosmopolita, com gente de todo o lado, italianos, russos, polacos, uma imigração muito grande. É um país com uma identidade própria, muito diferente da nossa. É um país da América do Sul.

Disse já que o futuro virá da América do Sul...

Estou convencido que sim. E não é só na arquitectura, mas em muita coisa. Veja, por exemplo, o que está a acontecer com o Papa. Haveria algum europeu capaz de fazer o que ele já fez até agora? Na verdade, a visão da América do Sul está muito mais livre de preconceitos, e dessa carga histórica toda que a Europa tem. Eles vão muito directos ao assunto, são muito pragmáticos e, por outro lado, abrangentes na forma de ver os problemas. Independentemente de terem os problemas terríveis, como os que o Brasil tem. O Paulo diz algo que acho genial: “Realmente, na Europa, hoje em dia, não há assunto”. Por não haver “assunto” — este termo muito brasileiro, e a forma deliciosa como eles falam — é que as pessoas andam a inventar problemas para resolver. “Mas nós, aqui, temos problemas reais”, diz o Paulo. E isso é que lhes dá força. Na América do Sul, eles têm uma frescura na forma de ver as coisas que nós, europeus, devíamos invejar.

conceito, e a forma como as coisas nascem, é muito diferente.

Com Frank Gehry teve uma parceria que acabou por não avançar, o Parque Mayer...

Pois. Acabou por não ser concretizada. O Gehry também é uma grande máquina, mas “à americana”, e completamente diferente da de Koolhaas. A primeira vez que fui visitar o escritório do Gehry em Los Angeles, fomos conduzidos pelo Jim Glymph, um homem brilhante, que era o braço direito dele. Entrámos, havia uma série de gabinetes de vidro, onde estava o Frank Gehry, o homem dos contratos, o escritório. Passámos o

corredor e entrámos numa grande nave industrial. O Jim Glymph vira-se para mim e diz: “Aqui são os criativos; do outro lado estão os produtivos. O Frank só fala com os criativos” [risos]. Achei isso uma situação de sonho. Lembrei-me logo de explicar ao Siza como é que ele devia organizar o seu escritório!...

Com Álvaro Siza trabalhou menos vezes...

Sim. Mas já fizemos várias coisas, e trabalhar com ele é uma delícia, porque qualquer problema, para ele, é uma oportunidade fantástica. As poucas experiências que tive com ele — o Pavilhão de Portugal em Hanôver,

a sede do Banco Central de Cabo Verde, a Serpentine Gallery em Londres — foram incríveis. Conheço-o mais do ponto de vista pessoal do que profissional. Mas é uma cabeça, um caso único. Um homem que aparece de cem em cem anos. E o lugar que tem na história da arquitectura não é por acaso.

Vai estar presente na Bienal de São Paulo, num encontro com arquitectos e engenheiros dos dois países. Quais são as possibilidades que a engenharia e a arquitectura portuguesas têm de entrar no Brasil?

Trabalhar no Brasil é muito

complicado. É provavelmente o mercado mais protecionista do mundo. Basta ver as notícias sobre as equivalências dos cursos. Eu, por exemplo, que não me considero propriamente um engenheiro júnior e tenho algum currículo, pedi a equivalência de curso e eles disseram que ma dariam se eu fizesse cinco cadeiras [risos]. Achei delicioso... e vou fazê-las. Mas depois, mesmo que eu consiga a equivalência, surge outro problema, que é inscrever-me na Ordem dos Engenheiros de lá. E é sabido que eles não querem aceitar ninguém. **Mas Portugal tem alguma**



HOTEIS HERITAGE

Charme e Tradição no Centro Histórico de Lisboa

AS JANELAS VERDES . HERITAGE AV LIBERDADE . HOTEL BRITANIA . HOTEL LISBOA PLAZA . SOLAR DO CASTELO

Hotéis Heritage Lisboa Tel. +351 21 321 82 00 heritage.hotels@heritage.pt www.heritage.pt